

INTRODUÇÃO

CAMINHOS PARA VENCER OS DESAFIOS DA SAÚDE BRASILEIRA

Entender a dinâmica da população, parcerias público-privadas e o avanço tecnológico apontam algumas diretrizes

O debate em torno do tema saúde é sempre acalorado, especialmente na hora de discutir serviços públicos ou privados. Questões urgentes (e, em saúde, sempre o são) demandam respostas rápidas e positivas. E os desafios são muitos. O caminho para o Brasil vencê-los? Voltar seu olhar para as questões capazes de virar esse jogo.

Entender a dinâmica populacional, por exemplo, nos ajudará a encarar os desafios. Afinal, nossa expectativa de vida, segundo dados do IBGE, subiu de 71,3 anos em 2003 para a marca atual de 73

anos. E chegaremos a 80 anos até 2030. O envelhecimento da população acima de 60 anos, que passará dos atuais 23 milhões para 88,6 milhões nos próximos 20 anos, dá a dimensão do que está por vir.

EM BUSCA DE RESPOSTAS POSITIVAS

E de onde virão as respostas? Certamente, não virão de uma única solução. Evidentemente, os desafios de estrutura da saúde pública, que hoje vive o modelo do Sistema Único de Saúde (SUS), não podem ser esquecidos. Por isso, as parcerias entre os setores

público e privado estão na pauta do dia – e já têm bons resultados para mostrar.

Outra medida do sucesso virá, certamente, do avanço da tecnologia diagnóstica, uma vez que, quanto mais cedo se descobre uma doença, maiores as chances de sucesso no tratamento, com menor taxa de mortalidade (e menores custos de tratamento).

Este terceiro caderno do projeto “O Brasil que o Brasil quer” dá sua contribuição para esse debate em torno do tema acesso à saúde e da busca de novas e positivas respostas.

ALAN TEXEIRA



Os debatedores (da esquerda para a direita): Armando Correa Lopes Junior, vice-presidente sênior da divisão Healthcare da Siemens, Dr. Nacime Salomão Mansur, Conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, e Dr. Gonzalo Vecina Neto, do Hospital Sirio-Libanês

Mansur, médico conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

OLHAR GERENCIAL

Uma pesquisa feita pela Vox Populi-Carta Capital em 2014 revelou que quatro entre dez brasileiros apontam a situação dos hospitais e postos de saúde como o maior problema do País. Para o Dr. Gonzalo Vecina Neto, isso não surpreende. “Há um problema de gestão tanto no setor público quanto no privado”, afirma – mas já apontando caminhos: “É uma alternativa criar modelos público-privados, como as PPPs. Mas em primeiro lugar é fundamental que a gestão seja modernizada, utilizando-se dos diversos instrumentos que hoje estão à disposição das empresas.”

Na opinião do Dr. Nacime Salomão Mansur, conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, há muitos desafios. “Um deles é a escala: 80% dos hospitais no Brasil têm até 100 leitos, enquanto na Inglaterra 90% dos hospitais possuem acima de 200 leitos. Precisamos de gestão eficiente para melhorar essa realidade e, sobretudo, incluir as pessoas.”

TECNOLOGIA COMO ALIADA

“Tecnologia não é custo, é investimento”, afirma o vice-presidente sênior da divisão Healthcare, da Siemens, Armando Correa Lopes Junior. Para ele, é essencial provar o quanto a tecnologia pode auxiliar na gestão do sistema de saúde em suas mais variadas escalas. “Por exemplo,

ao usar imagem para guiar uma cirurgia de coluna vertebral, em que o tempo do procedimento é reduzido de oito para quatro horas, temos condições de dobrar a capacidade e ampliar o acesso, contribuindo com a gestão”, explica. “Isto significa melhorar a qualidade de vida do paciente, dos profissionais e do sistema como um todo.”

Para o Dr. Nacime, “A tecnologia é um bem da humanidade. Permite proximidade com a população, monitoramento à distância e melhor controle de doenças crônicas”. O médico cita como exemplo a transmissão de um eletrocardiograma a partir de uma ambulância: “A imagem vai para um centro, um laudo é feito e, em menos de dois minutos, o médico que está na ambu-

lância saberá se o paciente teve infarto ou não”, ressalta. Já para Armando Correa Lopes Junior, “a tecnologia tem condições de dar subsídios para que essa gestão evolua, pois sua função primordial é dar acesso e melhorar a qualidade de vida das pessoas”.

DESAFIOS COMPLEXOS

Além de a ineficiência da gestão do setor atingir níveis alarmantes, outro desafio é o financiamento. Para o Dr. Gonzalo Vecina Neto, não é possível aumentar os recursos de maneira descolada da economia. “Se a economia não cresce, não há de onde retirar dinheiro. Por exemplo, o Brasil hoje é o segundo maior transplantador líquido do mundo. Nós sabemos fazer, a questão é melhor regular e, ao

fazê-lo, garantir a inclusão social”, pondera.

Outro problema que passa pela gestão de maneira ainda mais ampliada é lembrado pelo Dr. Nacime Salomão Mansur: a abertura indiscriminada de escolas médicas. “Há 293 escolas aprovadas e 247 já funcionando, formando indivíduos sem nenhuma qualificação técnica”. E complementa: “É isso o que nós estamos formando no País, uma tragédia que vai ser perpetuada por 40, 50 anos, que é o tempo de exercício profissional”.

Finalizando o debate, o vice-presidente sênior Armando Correa Lopes Junior lembrou da complexidade do desafio por conta do tamanho geográfico do país, das desigualdades sociais e da quantidade de pessoas.